

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

A MATANÇA DOS INOCENTES

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E SEIS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 – 997818905

Piracicaba – SP

Novembro 2025

ÍNDICE

BÍBLIA MATEUS.....	03
BÍBLIA JEREMIAS.....	03
VIVER EM PLENITUDE.....	05
ESTUDOS ESPÍRITAS DO EVANGELHO (6 DE 7)	05
O LIVRO DOS EVANGELHOS.....	06
ESPIRITISMO O CONSOLADOR PROMETIDO.....	06
CHICO XAVIER PEDE LICENÇA.....	07
LUZ DO ALTO.....	07
A GÊNESE.....	09

BÍBLIA

Mat.2, v.13

E, tendo nascido Jesus em Belém de Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,

Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.

E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele.

E, congregados todos os principais sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo.

E eles lhe disseram: Em Belém de Judeia; porque assim está escrito pelo profeta:

E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo Israel.

Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquireu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera.

E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes, participai-me, para que também eu vá e o adore.

E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino.

E, vendo eles a estrela, regozijaram-se muito com grande alegria.

E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra.

E, sendo por divina revelação avisados num sonho para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho.

¹³ E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José num sonho, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; por que Herodes há de procurar o menino para o matar.

E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito.

E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho.

Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquireira dos magos.

Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz:

Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não quer ser consolada, porque já não existem.

Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu num sonho a José no Egito,

Dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino.

Então ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel.

E, ouvindo que Arquelau reinava na Judeia em lugar de Herodes, seu pai, receou ir para lá; mas avisado num sonho, por divina revelação, foi para as partes da Galileia.

E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno.

BÍBLIA

Jer. 31, v.15

Disse-me, porém, o Senhor: Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, não estaria a minha alma com este povo; lança-os de diante da minha face, e saiam.

E será que, quando te disserem: Para onde iremos? Dir-lhes-ás: Assim diz o Senhor: Os que para a morte, para a morte, e os que para a espada, para a espada; e os que para a fome, para a fome; e os que para o cativeiro, para o cativeiro.

Porque visitá-los-ei com quatro gêneros de males, diz o Senhor: com espada para matar, e com cães, para os arrastarem, e com aves dos céus, e com animais da terra, para os devorarem e destruírem.

Entregá-los-ei ao desterro em todos os reinos da terra; por causa de Manassés, filho de Ezequias, rei de Judá, e por tudo quanto fez em Jerusalém.

Porque quem se compadeceria de ti, ó Jerusalém? Ou quem se entristeceria por ti? Ou quem se desviaria a perguntar pela tua paz?

Tu me deixaste, diz o Senhor, e tornaste-te para trás; por isso estenderei a minha mão contra ti, e te destruirei; já estou cansado de me arrepender.

E padejá-los-ei com a pá nas portas da terra; já desfilhei, e destruí o meu povo; não voltaram dos seus caminhos.

As suas viúvas mais se multiplicaram do que a areia dos mares; trouxe ao meio-dia um destruidor sobre a mãe dos jovens; fiz que caísse de repente sobre ela, e enchesse a cidade de terrores.

A que dava à luz sete se enfraqueceu; expirou a sua alma; pôs-se lhe o sol sendo ainda de dia, confundiu-se e envergonhou-se; e os que ficarem dela entregarei à espada, diante dos seus inimigos, diz o Senhor.

Ai de mim, minha mãe, por que me deste à luz homem de rixa e homem de contendas para toda a terra? Nunca lhes emprestei com usura, nem eles me emprestaram com usura, todavia cada um deles me amaldiçoa.

Disse o Senhor: Decerto que o teu remanescente será para o bem; decerto, no tempo da calamidade, e no tempo da angústia, farei que o inimigo te dirija súplicas.

Pode alguém quebrar o ferro, o ferro do norte, ou o aço?

As tuas riquezas e os teus tesouros entregarei sem preço ao saque; e isso por todos os teus pecados, mesmo em todos os teus limites.

E te farei passar aos teus inimigos numa terra que não conheces; porque o fogo se acendeu em minha ira, e sobre vós arderá;

¹⁵ **Tu, ó Senhor, o sabes; lembra-te de mim, e visita-me, e vingame dos meus perseguidores; não me arrebatas por tua longanimidade; sabe que por amor de ti tenho sofrido afronta.**

Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração; porque pelo teu nome sou chamado, ó Senhor Deus dos Exércitos.

Nunca me assentei na assembleia dos zombadores, nem me regoziquei; por causa da tua mão me assentei solitário; pois me encheste de indignação.

Por que dura a minha dor continuamente, e a minha ferida me dói, e já não admite cura? Serias tu para mim como coisa mentirosa e como águas inconstantes?

Portanto assim diz o Senhor: Se tu voltares, então te trarei, e estarás diante de mim; e se apartares o precioso do vil, serás como a minha boca; tornem-se eles para ti, mas não voltes tu para eles.

E eu te porei contra este povo como forte muro de bronze; e pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti; porque eu sou contigo para te guardar, para te livrar deles, diz o Senhor.

E arrebatarte-ei da mão dos malignos, e livrar-te-ei da mão dos fortes.

VIVER EM PLENITUDE

Richard Simonetti

A AJUDA DO CÉU (§ 1 ao 15)

*Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para 5protegê-lo?
Há o **irmão espiritual**, o que chamais **o bom Espírito** ou **o bom gênio**.*

Questão nº 489

Reportando-se ao nascimento de Jesus, conta o evangelista Mateus, no capítulo II de suas anotações, que Herodes, o Grande, apavorou-se com a notícia de que nascera em Belém um menino da linhagem de David, que seria o rei dos judeus, tirando-lhe o trono.

Imperioso conjurar aquela ameaça.

Sem saber exatamente quem era nem quando se dera o nascimento, concebeu uma solução simplista e drástica, típica dos tiranos sanguinários:

Determinou que naquela cidade e adjacências fossem mortos todos os meninos com idade abaixo de dois anos.

Calcula-se que perto de trinta crianças foram barbaramente assassinadas no famigerado episódio que ficou registrado como “a matança dos inocentes”.

No entanto, um anjo apareceu a José em sonho, recomendando-lhe que tomasse o menino e sua mãe, fugindo com eles para o Egito.

Obediente, o carpinteiro seguiu a orientação e salvou Jesus da sanha assassina de Herodes.

Temos nesta passagem evangélica o mais famoso episódio envolvendo a ação dos anjos de guarda, seres espirituais que, segundo a tradição cristã, têm a missão de proteger os homens.

Eles estão presentes em todas as culturas, sob várias denominações - gênios, fadas, deuses, protetores, guias -, sempre empenhados em prestar assistência aos seus tutelados.

O manto de fantasia que envolvia o assunto foi desvelado pela Doutrina Espírita, que confirma sua existência e revela que não se situam como seres especiais, de natureza distinta da criatura humana.

São Espíritos como nós, mais evoluídos e habilitados a nos amparar nas experiências reencarnatórias.

Não fomos criados todos ao mesmo tempo.

Não detemos a mesma idade espiritual ou o mesmo grau de maturidade.

Situamo-nos em variados estágios de aprendizado, em degrau compatível com nossas necessidades, lembrando a escada de Jacó da alegoria bíblica, que vai da Terra ao Céu.

Cumprindo a Lei de Amor, que rege o Universo, os que avançam nos domínios da compreensão e da responsabilidade ocupam-se em ajudar os irmãos que seguem atrás, estabelecendo elos de solidariedade entre os filhos de Deus.

ESTUDOS ESPÍRITAS DO EVANGELHO (6 DE 7)

A visita dos magos, a fuga para o Egito

(Mt. 2:1/15)

Após o nascimento de Jesus, “vieram uns magos do oriente a Jerusalém”, procurando um “recém-nascido Rei dos Judeus”, porque haviam visto “sua estrela no

orientes” e ali estavam “para adorá-lo” (prestar-lhe homenagem).

Observação: No relato evangélico os magos não são reis, não são três e não têm nomes: cita-se apenas “uns magos”.

Segundo os historiadores gregos Heródoto e Xenofonte, **magos** eram sacerdotes muito conceituados entre os medos e os persas; era uma casta que se ocupava sobretudo em medicina, astronomia (astrologia) e ciências divinatórias (coisas espirituais).

Baseado na profecia de Miquéias, o rei Herodes informou aos magos que era em Belém que deveriam procurar o recém-nascido. Pediu também que, se o encontrassem, voltassem para avisá-lo, pois também o queria adorar. Em verdade, desejava destruí-lo, pois pensava que vinha para tirar-lhe o trono.

Mas, em sonhos, foram avisados:

- os magos, para não retornarem a Herodes (voltaram à sua terra por outro caminho).
- José, para fugir rumo ao Egito, levando Maria e o menino (e ele assim fez).

A matança dos inocentes

(Mt. 2:16/18.)

As perceber que fora frustrado em seu intento (porque os magos não voltaram ao palácio), Herodes, furioso, mandou matar todos os meninos (de 2 anos para baixo) em Belém e arredores. Cumpria-se outra profecia: “Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando seus filhos, e não querendo ser consolada, porque já não existem”. (Jeremias, 31:15.)

O LIVRO DOS EVANGELHOS

MORTICÍNIO DAS CRIANÇAS

MATEUS 2:16-18

Quando Herodes percebeu que havia sido iludido pelos Magos, ficou muito enfurecido e mandou matar todos os meninos em Belém e em todo o seu território, de dois anos para baixo, de acordo com o cálculo de idade que os Magos haviam informado²⁵. Cumpru-se, então, o que havia sido dito pelo profeta Jeremias:

“Ouviru-se uma voz em Ramá; pranto e longa lamentação; é Raquel, que chora por causa dos seus filhos, e não quer consolação, porque eles se foram²⁶”.

25 Segundo o livro de Êxodo, também com o nascimento de Moisés, o Faraó do Egito ordenou a chacina de todas as crianças recém-nascidas do sexo masculino, pertencentes aos hebreus. Algumas estatísticas afirmam que devem ter sido cerca de vinte crianças em todo o território de Belém.

26 Cf. Jr 31:15. Cf. RAQUEL no Glossário.

ESPIRITISMO O CONSOLADOR PROMETIDO

Djalma Argollo

19. JESUS

Nascimento e Infância

A personalidade do notável judeu que foi Jesus, resplandece na História com fulgor ímpar. Nasceu numa humilde gruta, na histórica cidade de Belém, teve como primeiro leito o comedouro de animais e, como visitantes - testemunhas surpresas de suas horas iniciais no corpo físico -, um humilde grupo de honestos pastores de ovelhas, guiados até ele pela presença e vozes transcendentais de sublimados representantes do Mundo Espiritual Superior, que se fizeram ver e ouvir, num dos mais belos fenômenos mediúnicos de todos os tempos.

Perseguido, desde os alvares da vida física, pela brutalidade feroz de um tiranete alucinado - cujo corpo apodrecia entre tecidos preciosos, num quarto luxuoso -, é protegido e salvo pelos vigilantes companheiros de espiritualidade radiosa, enquanto pequeninos e indefesos contemporâneos eram sacrificados brutalmente, pelo único e singular crime de terem encarnado no mesmo momento e lugar. Episódio que o Espiritismo esclarece com a reencarnação e a lei de Causa e efeito.

Desenvolvendo-se numa remota cidade da Galileia, criou-se em meio ao azáfama de uma carpintaria, estudando em humilde “bêth hassefer” (casa do livro) de simples e desataviada sinagoga, morando em casa singela, cujos compartimentos se desdobravam em gruta natural como quase todas de Nazaré.

CHICO XAVIER PEDE LICENÇA

Irmão Saulo

A Matança dos Inocentes

Chico Xavier conta-nos como foi recebida essa mensagem na reunião pública de 7 de março de 1972, em Uberaba. Eis as informações textuais que nos enviou:

Duas senhoras se manifestaram desejosas de conhecer que opinião seria a dos amigos espirituais de sempre acerca do aborto. E falaram com bastante conhecimento de causa sobre o que vai ocorrendo em outros países que se regem por leis diferentes das nossas.

Outros temas sobre maternidade, filhos, familiares e vida doméstica afastaram o assunto inicial. Mas, no desenrolar das tarefas da noite, a pergunta que nos veio em O Livro dos Espíritos, para estudo, foi a que tem o número 358, e o problema do aborto voltou ao exame de todos os presentes. Ao término da reunião, Emmanuel escreveu a página que lhe entrego com essas notícias.

Respondendo à pergunta 358, os espíritos afirmam, no livro citado, que o aborto é um crime, mas na pergunta seguinte fazem uma ressalva quando se trata de salvar a vida da mãe. Na mensagem de Emmanuel, verificamos que o problema é colocado nesses mesmos termos. O sacrifício da criança que vai nascer só pode ter uma justificativa: a preservação da vida materna, naturalmente em casos extremos.

Não há necessidade de argumentos metafísicos para se compreender isso. Um ser que nasce é um destino que se inicia na Terra. Seja glorioso ou não, segundo o juízo humano, esse destino, por mais obscuro, corresponde sempre a uma necessidade vital, a uma exigência da evolução.

Conta-nos o evangelista Mateus o episódio da matança dos inocentes em Belém, por ordem de Herodes, com o fim de aniquilar o mais glorioso destino que já se desenrolou na Terra. Foi uma tentativa de aborto após nascimento, pois, não tendo podido ordenar o aborto fisiológico, Herodes tentou o aborto histórico do destino do Cristo.

Os inocentes sacrificados em Belém dão-nos a imagem brutal das consequências de cada crime dessa espécie para a humanidade. Centenas de destinos que se ligavam ao do nascituro são afetados pelas mãos assassinas que o imolam.

Não faltaram nesse episódio evangélico os traços marcantes de cada crime de aborto praticado na Terra. Uma luz no céu anuncia o nascimento de Jesus. Os Reis Magos a seguem jubilosos através do deserto para verem a criança esperada e levam a notícia a Herodes que devia também alegrar-se com ela. Um anjo avisa José e o manda fugir com Maria e a criança para o Egito. Herodes finge alegrar-se, mas ordena a matança.

Cada nascimento na Terra é precedido sempre de uma luz no céu (que é o desígnio espiritual determinando a ocorrência), do júbilo dos que o aguardam - mesmo à distância, no deserto das provas e expiações do destino, da notícia levada aos que devem alegrar-se com ela e da presença do anjo que vela pelo inocente.

Mas, quando o crime do aborto é tentado ou se consuma, seus antecedentes são sempre os do fingimento e da astúcia, originados pelo egoísmo e o comodismo de Herodes. O anjo nunca deixa de avisar os pais, tocando-lhes a consciência e o coração, ordenando-lhes a fuga, em defesa da criança, para longe das mãos assassinas que se aprestam para sacrificá-la.

Alguns estudiosos do Evangelho desprezam essa alegoria de Mateus. Mas o ensino espiritual que ela encerra bastaria para mostrar às consciências cristãs e espirituais do mundo - independente da veracidade histórica do episódio - que as advertências divinas nunca faltam na Terra aos que se deixam fascinar pelo canto da sereia das conveniências materiais.

LUZ DO ALTO

Adelaide Augusta Câmara
(aura celeste)

PROVAÇÕES

Lançando as vistas sobre o grande livro da história dos povos aprendemos lições impressionantes, cujo testemunho firma em nós a convicção de que todo mal praticado pelos homens recai, cedo ou tarde sobre os seus autores.

Para as nações, para as coletividades, como para cada indivíduo, há uma justiça, que ora se revela imediatamente, ora em intervalos relativamente dilatados, mas que não falha¹.

Somos forçados a reconhecer, pela marcha dos acontecimentos no mundo, a execução da grande lei da reencarnação. que se manifesta, dirigindo a evolução dos espíritos para a ascensão universal.

Aqui é a maldade, a ingratidão de muitos, ferindo impiedosamente criaturas simples, que nenhum mal fazem a outrem, antes semeiam ao seu redor o bem que podem...

Ali, reveses da sorte transformando lares felizes em hospital de dores físicas e angústias morais...

Além, o martírio ignorado de almas caritativas, bondosas e pias, que a injustiça dos homens sacrifica e a conveniência social condena ao mais absoluto mutismo. Por toda a

parte o sofrimento campeia por diferentes formas, escolhendo de preferência os simples, os inocentes. aqueles que a nossos olhos se revelam justos e bons!

É o cumprimento da lei é a eliminação do pecado pela dor!

O criminoso do passado consegue assim, pela paciência com que cumpre a sua provação, transformar a sua alma de treva em alma de luz, para louvor e honra de Deus!

Bendigamos, pois, o sofrimento: ele enobrece a nossa alma e nos aproxima do ideal que temos em mira alcançar um dia!

SOFRIMENTO

O homem que se revolta contra o sofrimento, que clama constantemente contra a injustiça do destino, é aquele em que predominam sempre os instintos materiais da natureza física, aquele que em sua vida não tem aceitado jamais a menor reforma das imperfeições do seu caráter.

Tal criatura odeia o sofrimento e os erros da sua vontade o impelem a lançar mão de todos os meios para o suprimir.

No entanto, a que chegaria o homem se o sofrimento não o detivesse em seus desregrados caminhos!

Toda a orientação da nossa vida deve ser dirigida para o engrandecimento espiritual; e a alta espiritualidade se alcança pela aceitação voluntária da cruz das nossas provações!

Não nos enganemos:

A vida fácil cava diante do homem verdadeiros abismos de perdição para o espírito.

E de que serve ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?

(Matheus 16:26)

"Eu choro", dizia Thereza de Jesus, "pensando no tempo em que vivi sem chorar".

O sofrimento transforma o homem em verdadeira potência espiritual: educando-o, protegendo-o, ensinando-o, animando-o, purificando-o, desmaterializando-o, elevando-o, engrandecendo-o.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

13. Por sua natureza, a revelação espírita possui um duplo caráter: ela participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira porque seu aparecimento foi providencial, e não o resultado da iniciativa e do desígnio premeditado do homem, porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que se acham amadurecidos para compreendê-las. Participa da segunda, porque tal ensinamento não constitui privilégio de nenhum indivíduo, mas é proporcionado

a todo mundo pela mesma forma: pelo fato de que tanto aqueles que o transmitem como os que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; por não terem renunciado ao seu próprio julgamento e livre-arbítrio; e porque o exame não lhes é interdito, mas ao contrário recomendado. Enfim, a doutrina não foi ditada completa nem imposta à crença cega, sendo ela deduzida do trabalho do homem e da observação dos fatos que os Espíritos lhes põem sob os olhos pelas instruções que a ele dão, instruções estas que o homem estuda, compara e das quais tira ele mesmo as suas conclusões e aplicações. Em síntese, o que caracteriza a revelação espírita é que sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é o resultado do trabalho do homem.

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiram tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro

encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário grupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.